



ISSN: 2595-5713

Vol. 05 | Nº. 10 | Ano 2022

### **COMITÊ EDITORIAL EXECUTIVO**

**Alexandre António Timbane  
Ivaldo Marciano de F. Lima  
Rodrigo Castro Rezende**

#### **Site/Contato**

#### **Editores**

Ivaldo Marciano de França Lima  
[ivaldomarciano@gmail.com](mailto:ivaldomarciano@gmail.com)

Alexandre António Timbane  
[alexandre.timbane@unilab.edu.br](mailto:alexandre.timbane@unilab.edu.br)

## **EDITORIAL - SEGUINDO COM O BELO TRABALHO, APRIMORANDO AS PESQUISAS E CONSTITUINDO LIAMES ENTRE O BRASIL, PALOP'S E DEMAIS PAÍSES!!!!**

O que no princípio representava uma ideia de alguns poucos historiadores, ávidos em construir um programa de pós-graduação em História da África contemporânea, encarnado em docentes diversos dos muitos campi da UNEB e UNILAB, desaguou, tal qual um rio, em construções sólidas... Solidez não possui o mesmo sentido de algo que não se quebra ou de condição indestrutível. A solidez aqui aludida, nos dizeres dos populares, pode ser algo semelhante ao que não se verga, que não se perde, que pode até bambejar, mas não cai. Tal qual um amor que esperou mais de dez anos para retomar seu curso, ou um rio represado que aguardou pelos reforços de mais águas para superar a barragem, os projetos destes docentes, professores no dizer da palavra, foram materializados em muitos frutos...

A solidez, portanto, as vezes se mostra de forma frágil, como os muitos frutos da construção operada a partir do não tão distante ano de 2017, quando docentes diversos das UNEB's e UNILAB resolveram caminhar na direção de construir um Grupo de Pesquisa e um programa de pós graduação, apoiados em um periódico e em outros veículos de difusão do conhecimento. Docentes como Me. Ndiaye Detoubab, além deste missivista que atende pelo nome de Ivaldo Marciano, representando a Universidade do Estado da Bahia, além dos queridos colegas unilabianos Dr. Pedro Accosta Leyva, Dr. Marcos Carvalho Lopes, Dr. Alexandre Antônio Timbane, Dr. Ercílio Langa, Dr. Eduardo Estevan e Dr. Bas'Illele Malo Malo, dentre outros, operaram no sentido de aprimorar e refinar os estudos sobre a história dos povos do continente africano. Pode se dizer, sem pestanejar, que a Bahia, em particular as universidades acima citadas, possuem grande respaldo acadêmico, dispostos nos resul-

tados operados pelas trajetórias dos docentes acima citados, e que foram reforçados por outros que se somaram ao processo, agregando novas ações, pesquisas e eventos. A estes, que se somaram no processo, a exemplo de Dr. Everton Carneiro (UNEB/DEDC XV), Dr. Rodrigo Rezende, da UFF (Campos dos Goytacazes), Dr. Josenildo de Jesus (UFMA), Dr. Alex Costa (UFBA), Dr. Danilo Fonseca (UNICENTRO Irati/PR), Me. Márcio Rodrigues (UEMA), Dr. José Francisco (UFOB), Dr. Patrício Batsikama (ISPT/Luanda) e Me. Yuri Agostinho (Universidade de Luanda), dentre outros que por esquecimento deste missivista não serão citados, agregaram conhecimento, força, bom humor e refinamento nas análises e perspectivas teórico metodológicas. Os colegas citados, e o trabalho que desenvolvem junto aos atuais grupos de pesquisa África do Século XX (UNEB DEDC II – Alagoinhas) e Estudos Africanos e Representações da África (UNEB DEDC XV – Valença), demonstra não apenas o crescimento das pesquisas no campo da história, mais precisamente do que se convencionou nomear por História da África, e no nosso caso, o tempo contemporâneo desta.

Atualmente, **Cadernos de África Contemporânea** vem acumulando esforços para se tornar um periódico especializado tão somente em artigos sobre a História da África no tempo contemporâneo. Isto, por acaso, tem trazido polêmicas e algumas contendas, a exemplo de colegas que confundem a história da África, como área, aos Estudos Africanos. As duas podem sim dispor de liames e diálogos, mas não podem jamais ser compreendidas como sinônimos uma da outra, pois se na primeira há os aspectos alusivos à necessidade de se compreender os eventos e fenômenos sob o escopo do tempo e espaço, na segunda há maior abertura das fronteiras, cabendo toda e qualquer pesquisa que esteja voltada sobre o continente africano, ou, como querem alguns, das suas representações, algo que ainda não é consenso entre os especialistas para este último aspecto.

As vezes recebemos artigos muito bons, resultantes de pesquisas bem feitas, mas que não possuem aderência à história da África. E desta forma, ficamos impedidos de ter em nossas páginas tais contribuições. As vezes, e estes vem crescendo em número, recebemos trabalhos que discutem temas voltados ao Brasil, mas que são reivindicados como parte da história da África. Há como reivindicar que a história de um terreiro de candomblé situado em alguma localidade do Estado da Bahia, ou de alguma comunidade remanescente de quilombos, sejam parte da história da África? Ao nosso ver, não, uma vez que estas experiências ocorreram em solo brasileiro, logo, constituem pontos da história do Brasil. Contudo, discursos apoiados em crenças essencializadas, que fogem do fazer científico, reivindicam que tais assuntos dizem respeito ao continente africano, e isto, para além do óbvio, resulta em situações tensas em algumas ocasiões, mas que em certa medida servem para reforçar o substrato teórico em que se apoiam editores, colaboradores diversos e docentes que apoiam nosso trabalho. Aliás, trabalho que se

espraia em frutos diversos, já referidos anteriormente e que hoje se constituem em pontos de divulgação científica, a exemplo do canal África do Século XX, disposto na plataforma de vídeos YouTube, ou nos outros periódicos que também integram as ações dos docentes articulados nos atuais dois grupos de pesquisa já citados, e que mantêm as atividades em curso.

Este número de **Cadernos de África Contemporânea** reúne artigos sobre diferentes regiões de África. Brasileiros, caboverdianos, moçambicanos e angolanos, aqui reunidos, teceram linhas que dizem respeito a muitos espaços e/ou povos do continente africano, no caso, Moçambique, Ruanda, Cabo Verde, Angola, África do Sul, e todos, conforme textos dispostos, apoiados em pesquisas de grande relevância e substância.

O primeiro artigo, intitulado “**Do projeto assimilacionista português à prevalência das sociabilidades endógenas em Moçambique. um estudo com recurso a macuana**”, de autoria de Martinho Pedro, entabula excelente análise sobre o contexto da colonização portuguesa no que é hoje Moçambique, e de como esta se mostrou inexecutável ao longo do tempo por diferentes razões e sentidos. Martinho Pedro é de uma geração de historiadores que se funda em excelente escopo, e trilha o caminho da boa e velha ciência, fazendo valer o dito de que os povos moçambicanos não precisam ser guiados por quem quer que seja... Com Martinho Pedro temos segurança de que o passado poderá ser objeto de boas análises, e que as visões lastreadas em ideologias ou crenças dotadas de apriorismos passam longe das terras e mentes moçambicanas!

O segundo artigo, intitulado “**Notas sobre a relação entre o Brasil e os países africanos sob o domínio português de 1945 a 1975**”, de autoria de José Francisco dos Santos, discute sobre as políticas externas do Brasil para o continente africano, e de como estas resultaram em mudanças consubstanciadas da condição de aliado do colonialismo português para o de primeiro país do mundo a reconhecer a independência angolana. Apoiado em documentação e significativa revisão bibliográfica, José Francisco faz parte da nova geração de historiadores brasileiros que se voltaram para o continente africano, disposto a ou entender suas muitas representações em solo brasileiro, ou suas diferentes facetas e nuances ocorridos do outro lado do Atlântico. Aqui temos um pouco de oxigênio para indicar, mostrar como se faz uma boa análise sobre o passado, apoiado em farta documentação e refinada bibliografia. José Francisco é historiador dos bons!

O terceiro artigo, intitulado “**As autoridades tradicionais em Moçambique e as penas de desterro e degredo durante o período colonial**”, de autoria de Hermenegildo Lange, retoma polêmica discussão sobre os modos como os soberanos de África reagiram aos contextos suscitados no período posterior à realização da Conferência de Berlim. Tempo houve em que prevaleciam os ditos de que os povos de África aceitaram de forma passiva a colonização, chegando as raias de terem recebido os invasores com bons modos. Os trabalhos dispostos no

volume VII da coleção História Geral da África, especialmente o capítulo escrito por Albert Adu Boahen (2010), vem ao encontro deste artigo escrito por Hermenegildo, e mostra que nenhum dos soberanos dos então países existentes em África abriram mão de sua soberania. O artigo também discute os modos como os portugueses, em especial, desconstruíram os soberanos seja através do discurso, das armas, ou de um conjunto de estratégias que corroboraram para que os outrora detentores do poder passassem a ser considerados como “autoridades tradicionais”.

O quarto artigo, intitulado **“Povos originários: aspectos conflituosos dos sans em Angola”**, de autoria de Rafael Peçanha de Moura, apresenta um panorama sobre os sans e as dificuldades que enfrentam na Angola contemporânea. O autor nos brinda com profícua discussão, e abre novas searas para que os jovens brasileiros, ou de outras partes da lusofonia possam se aventurar em pesquisas sobre aqueles que ainda hoje vivem em comunidades coletoras-caçadoras. Pesquisas e artigos do tipo das que são feitas por Rafael Peçanha de Moura continuarão a ser fundamentais por muitos e muitos anos!!!

O quinto artigo, intitulado **“Imaginar uma “colônia de povoamento” no âmbito do colonialismo português”**, de autoria de Deolindo de Barros, traz uma discussão acerca das pesquisas sobre a condição de Cabo Verde como colônia de povoamento, como se quis pensar uma historiografia por tempo considerável, ou de exploração, conforme apontam pesquisas e trabalhos mais recentes. Apoiado em farta bibliografia, Deolindo de Barros discute acerca desta condição, e sugere também boas questões acerca do belo e hospitaleiro Cabo Verde. Aqui temos bons caminhos para pensar, e como sempre, baseados em excelentes indicações de pesquisa e referências bibliográficas!

O sexto artigo, intitulado **“Astrofísica e História da África em transversalidade: possibilidades dos (ab)usos dos mitos dogons na aplicação da lei 10.639/03 e do combate ao preconceito de cor”**, de autoria de Rodrigo Castro Rezende, discute como os mitos do povo dogon pode servir para compreender os mecanismos de construção do conhecimento sobre eventos, fenômenos e objetos que nos cercam. Ainda tomando os sentidos das letras do autor, os mitos dos dogons podem servir para que, no âmbito das salas de aula da educação básica, os docentes possam se servir dos diferentes substratos presentes nestes mitos para mostrar o quão inócuo são os preconceitos que se lastreiam na cor da pele das pessoas. Rodrigo Rezende, para além de sua genialidade como historiador, avança para dimensões interdisciplinares, mostrando que a condição de sabedoria múltipla não ficou restrita ao saudoso e inesquecível Cheik Anta Diop, que reunia em seu cabedal várias áreas do saber. Aliás, pode-se aqui aventar que a UFF, mais precisamente a unidade localizada em Campos dos Goytacazes, tem grande privilégio em dispor de docente tão bem qualificado como este!

O sétimo artigo, intitulado “**Centros de memória e ensino: A Frente Patriótica Ruandesa e a difusão da história de Ruanda**”, de autoria de Danilo Ferreira da Fonseca, traz à tona questões que remetem a uma delicada e sensível discussão sobre os aspectos que aludem ao tão sofrido e espinhoso tema da guerra civil ruandesa, que teve o ano de 1994 como ápice. O autor, talvez a maior autoridade brasileira sobre questões da história contemporânea do que hoje nomeamos por Ruanda, reflete a respeito de como o atual governo, pós 1994, se utiliza da memória e do ensino para aprofundar uma versão dos fatos da história ruandesa. Analisando os centros de memória e seus canais de divulgação, Danilo Fonseca mostra como se dão os usos de tais mecanismos para difundir uma versão que esteja condizente com o projeto de poder do atual líder ruandês, e outrora general da Frente Patriótica Ruandesa, Paul Kagamè. Como se não bastasse profícua análise, nosso autor ainda mostra requintes refinados de sapiência nas análises a respeito dos resultados relacionados aos números da economia, e de como esta pode ser a chave para interpretar os guias das políticas interna e externa da Ruanda contemporânea. Aconselho ao leitor e leitora redobrem o cuidado e a atenção quando estiverem compulsando artigo tão bem escrito como este!

O oitavo e último artigo deste número, intitulado “**As palavras que contam as h/histórias: notas sobre a gramática racial sul-africana e algumas implicações metodológicas**”, de autoria de Laura Maria Lobato-Baars, traz algumas luzes sobre a tão desconhecida e mal interpretada história da África do Sul contemporânea. Apoiada em lídimo diálogo entre Antropologia e História, Laura Maria entabula algumas questões sobre os nomes como os povos que vivem na África do Sul foram/são chamados, e os modos como tais termos foram construídos. A autora faz uso de refinada bibliografia específica, e mostra que o país de Mandela é muito mais complexo do que nos fez acreditar a indústria cinematográfica hollywoodiana, que em meio a poderosos mecanismos de difusão ideológica, divulgou representações pautadas em divisões que não se faziam exequíveis no cotidiano. O artigo de Laura Maria também nos convida a tentar entender os meandros da história com outros aportes e repertórios, que nem sempre são de natureza óbvia, ou dispostos no dia a dia de grande parte das universidades brasileiras! É preciso rever os meios, modos e olhares, é preciso duvidar sempre do que se lê e do que se ouve!

Enfim, admirando a beleza existente no mundo, convido o leitor e a leitora para apreciarem estas páginas, alertando que se houverem erros de digitação ou diagramação, a culpa será toda deste editor, e que estamos tentando de todas as formas manter os periódicos em dia, apesar das dificuldades relacionadas com a quase escassez de recursos. Com os melhores cumprimentos e votos desejosos de uma excelente leitura!

**Ivaldo Marciano de França Lima.**